

Escrita e separação

Escrita e separação. Escrita da separação. Escrita sobre a separação. Escrita para a separação. Cada um desses conectivos define relações entre escrever e separar, ou se separar, das quais é possível encontrar exemplos diversos na literatura, como gostaríamos de mostrar com este dossiê. Entendemos que essas possibilidades sinalizam o vínculo que há entre escrita e separação: escrever é sair de si, se distanciar, se separar para ver e viver de outro modo. Se a escrita registra, inscreve a letra na memória e no corpo, ela também faz esquecer, separando-nos de nós mesmos e de nossa história, transformado o eu em outro. Encontro e ruptura, remédio e veneno, ganho e perda, essa sua condição profundamente ambivalente foi abordada pela filosofia, pela psicanálise, pela teoria da literatura, que tiveram no horizonte a experiência literária e o testemunho de escritores. Os textos reunidos neste dossiê trilham percursos diversos a partir dessas abordagens.

Ali onde você não está: escrita, luto, fantasmas

Toda escrita se inicia por uma separação, diz Roland Barthes: o começo da escrita está precisamente *ali onde você não está*. Trata-se, na verdade, de uma situação paradoxal: você está lá, porque eu me dirijo a você, porque escrevo para você, mas você não está, porque algum evento traumático (abandono, doença, prisão, morte) fez você partir. Assim, você está e não está – você se transformou em fantasma.

Os textos da primeira parte do dossiê procuram entender esse paradoxo. “**Les formes de la séparation dans les Lettres Persanes**”, de Thaïs Chauvel, explora o dispositivo romanescos “carta”, índice por excelência da existência fantasmática: ao escrever a carta, o outro está lá como destinatário do papel, mas não como presença. Já “**A colecionadora de fantasmas**”, de Fábio Fadul de Moura e Adriano de Carvalho Pinto, propõe uma discussão em torno da ancestralidade, tanto real como oral: os versos da poeta de São Tomé, Conceição Lima, centro do texto, referem-se aos avós que foram deportados tanto da terra como da memória, mas que permanecem em toda a tradição oral sobre a perda: “eles vêm e vão, mas não partem”. Avós, junto a pais e outros familiares, também são a presença fantasmática em “**A memória da perda e a escrita do luto em dois romances portugueses da segunda metade do século XX**”, de Maristela Kirst de Lima Girola. Aqui eles estão bem presentes, apesar de mortos: os narradores de *A Sibila*, de Agustina Bessa-Luís, e *Não entres tão depressa nessa noite escura*, de António Lobo Antunes, constroem sua narrativa a partir dessa memória dos mortos. Já o grande fantasma de “**La literatura entre fragmentos de pérdida y exploraciones autorreferenciales**”, de Susana González, não é necessariamente uma pessoa ou personagem: embora a separação nas narrativas analisadas de Sylvia Molloy, Diamela Eltit e Piedad Bonnet se refira a personagens específicos que morrem, estão doentes ou esquecidos, a dor da perda se dá pela ausência não do corpo do outro, mas de sua palavra.

Como afirma Marcos Vinícius Lima de Almeida no exercício de estilo “**Breviário de espectrologia e necromancia**”: “as vozes dos mortos, aqueles que viveram antes de nós, e dos vivos, aqueles que habitam o presente, estão juntas, num coral fúnebre, porque os mortos continuam espectralmente a habitar o presente”. É nesse espírito de comunhão com os mortos, com aqueles que não estão mais lá, que deixamos esta seção e olhamos para aquele que ficou sozinho, com a tarefa de dizer eu.

Ali onde eu não estou: dizer o eu, sair de si

É Barthes também quem diz: “eu não seria nada se não escrevesse. No entanto, estou em outra parte, que não é aquela em que escrevo”. Está em jogo uma concepção do que é escrever nessa oscilação entre um eu que se define na escrita, porque nela, através dela, passa a existir, mas que ao escrever se indefine, quando abandona uma imagem de si, narcísica e fantasmática, e vai em direção de algo real.

Nesta seção, reunimos textos que procuram entender a relação entre modos diversos de dizer eu na literatura, que praticam, ao mesmo tempo, um deslocamento para fora de si. Começamos com um texto em que a escrita feminina ocupa um lugar central: “**A escritura de Mina Loy entre figuras do feminino na virada do século**”, de Lucas Bento Pugliesi, aborda os poemas de Mina Loy, que trata da separação da imagem de mulher de toda a rede de discursos na qual ela se insere; em seu lugar, vemos emergir não um novo eu, mas uma máscara. Já em “**Literatura sob o efeito de seu fora: a autobiografia, o diário**”, de Flávia Trocoli Xavier Silva, estamos muito longe da máscara: o eu se dissolve no espaço, nas palavras, nas outras personagens, nos mortos, no que não está mais lá; os textos abordados – de Marguerite Duras, Nuno Ramos e Vera Lins – vão em direção ao autobiográfico para poder falar da perda. A dissolução do eu é também o centro do último artigo, “**De la porosité des frontières narratives, mémorielles et spatiales dans Jonas de Mémoire, d’Anne-Élaine Cliche**”, de Marilyne Lamer, que trata de um romance em que a memória da narradora se constitui em diálogo com a memória, o tempo e o lugar de outra personagem, num processo contínuo de entrelaçamento em que podemos distinguir uma separação, não das personagens, mas da própria ideia de um eu ou de memória individual.

Os dois últimos textos do dossiê são exercícios de estilo que ilustram bem as duas linhas traçadas até aqui. Em “**Para além de nós**”, de Andrea Pech Bezerra, trata-se certamente de uma escrita de fantasmas: o eu não está de forma alguma sozinho, ele fica com todos os amores do passado, mesmo depois da separação. Já “**Algoritmo**”, de Tiago Novaes de Lima, dá conta de um novo lugar, de um novo tempo, onde o eu deve se reinventar constantemente, confrontado à experiência de usar um aplicativo de relacionamento.

Escritas do eu, escritas de fantasmas – a separação se torna neste dossiê um mote para pensar os limiares entre a literatura, a memória, as identidades subjetivas e coletivas, num constante e insistente trabalho com as perdas que, transformado em escrita, é uma forma de sobreviver a elas.

*Claudia Pino
Paloma Vidal*
Editoras